

## Anton Pannekoek e a Utopia Concreta

Edmilson Marques\*

A proposta deste artigo é abordar a relação entre utopia concreta e o pensamento de Anton Pannekoek. Há o predomínio de uma concepção que se refere à utopia como um projeto, um sonho, irrealizável. Este termo, no entanto, contribuiu para a adjetivação e desqualificação de concepções que apontam para a possibilidade de uma nova sociedade, que possa futuramente ser realizada em substituição a atualmente existente. Com isso a transformação social, a autogestão social etc., passaram a ser considerados utópicos, ou seja, uma ilusão, um sonho que jamais será realizado. Nesse sentido, faz-se necessário retomar abordagens que demonstram o contrário desta concepção e encontram na utopia a possibilidade concreta de sua realização. Para isso é preciso entender o que é utopia concreta? Após compreender esta questão buscaremos discutir como ela se manifesta na concepção de um determinado autor. Faremos isso a partir da concepção de Anton Pannekoek a respeito de sua crítica ao sindicato e sua afirmação da necessidade de auto-organização da classe operária para a realização da utopia concreta.

A questão na utopia já foi abordada por diversos autores e em várias perspectivas. Aqui, no entanto, partiremos do método dialético para entender o que é utopia. Ernst Bloch (2005) contribui para compreendermos este conceito em seu aspecto real e concreto. Para ele a utopia está relacionada à esperança, expressão do sonho que aponta para frente, que não emerge como uma mera emoção autônoma, podemos entender isso, como se fosse desligada da realidade. Ela então assume um aspecto “consciente-ciente como função utópica” (BLOCH, 2005, p. 144).

O autor observa que o conteúdo desta utopia é oferecido primeiramente pelas representações, em especial as da fantasia. Segundo ele,

As representações da fantasia não compõem tão-somente o que já existe, de modo aleatório (mar petrificado, montanha dourada e coisas semelhantes), mas também o que dá continuidade, de modo antecipatório, ao que existe nas possibilidades futuras de seu ser-diferente, de seu ser-melhor (BLOCH, 2005, p. 144).

---

\* Professor da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em história e pós-doutor em sociologia. Autor do livro “Estado, Luta de Classes e Autogestão Social”.

Observa-se aí que esta forma de utopia é um mecanismo de antecipação do ainda existente, como ele manifesta, que “antecipa psiquicamente um possível real”.

A questão, no entanto, é que o autor observa que há aqueles que se mantêm no nível da mera fantasia, que denota desinteresse em explicar o mundo, questão que está presente nos valores e interesses burgueses que não só rejeita mas despreza tudo que é antecipatório. A esta concepção então denomina-se de utopia abstrata, sendo esta a manifestação contrária de sonhos que buscamos sua realização. Bloch (2005) observa que:

O ponto de contato entre sonho e vida, sem o qual o sonho produz apenas utopia abstrata e a vida, por seu turno, apenas trivialidade, apresenta-se na capacidade utópica colocada sobre os próprios pés, a qual está associada ao possível-real. Uma capacidade que, guiada pela tendência, supera o já existente não só na nossa natureza mas também no mundo exterior em processo como um todo. Com isso, aqui teria lugar o conceito de utópico-abstrato, apenas aparentemente paradoxal, ou seja, um antecipatório que não se confunde com o sonhar utópico-abstrato, nem é direcionado pela imaturidade de um socialismo meramente utópico-abstrato (BLOCH, 2005, p. 145).

Como foi colocado antes, Bloch observar que a burguesia não demonstra interesse na utopia que aponta para frente, para o novo. Seu interesse manifesta-se na realidade ao reproduzi-la da forma como está buscando ainda abolir da mesma os sonhos e desejos que buscam transforma-la. É nesse sentido que o autor observa que a utopia concreta encontra no marxismo a sua real expressão. Para ele, “

O que caracteriza o poder e a verdade do marxismo é justamente o fato de ele ter dissipado a nuvem que envolvia os sonhos para a frente sem ter apagado as colunas de fogo que neles ardiam, dando-lhes, ao contrário, força e concretude (BLOCH, 2005, p. 145).

Sendo, portanto, o marxismo um referencial que possibilita a superação da utopia abstrata é preciso observa como esta concepção concebe esta transformação. Para isso faremos a discussão da concepção de Anton Pannekoek, sua crítica ao sindicato e sua defesa da auto-organização dos trabalhadores. Com esta discussão objetivamos, como foi dito, observar a manifestação a utopia concreta.

Paul Mattick (1960), seu principal biógrafo, expressou que “a vida de Anton Pannekoek coincide quase inteiramente com a história do movimento operário”. Outros observaram que ele foi um dos principais teóricos revolucionários do século XX. Concordando com estas concepções que apontam a importância das reflexões e o

pensamento de Pannekoek para o movimento operário que buscaremos compreender a questão da utopia concreta em sua concepção a partir do significado que ele aponta dos sindicatos para a luta do proletariado, já que perdura até os dias atuais a ideia de que esta organização representa de fato os interesses das classes exploradas e pode contribuir para a realização de seu projeto de sociedade, o sonho que aponta para frente, como dito por Bloch (2005).

Para Pannekoek, o sindicato surge como consequência da luta da classe proletária, criado para ser o seu instrumento de luta contra os capitalistas, que no seu conjunto enquanto classe é quem mantém o estado de coisas e a exploração existente no capitalismo. A reivindicação de melhores salários, jornadas de trabalho mais curtas e melhores condições de trabalho levou o movimento operário a avançar sobre o capital e exigir deste a efetivação de suas reivindicações. A greve foi a resposta imediata e espontânea proveniente desta reivindicação e, fundamentalmente, o meio enfim encontrado pelos trabalhadores para a sua união, para o enfraquecimento do capital e o meio pelo qual deverá utilizar para colocar fim a esta sociedade criada à imagem e semelhança da burguesia, o capitalismo.

Pannekoek coloca que:

Da greve nasce a solidariedade, o sentimento de fraternidade entre camaradas de trabalho o sentimento de união com toda a classe: é a primeira aurora do que será, um dia, o sol da nova sociedade. A ajuda mútua, aparecendo primeiro sob a forma de coletas espontâneas e benévolas, cedo toma a forma durável dum sindicato (PANNEKOEK, 2007, p. 115).

Marx (1981, p. 09) já havia expressado concepção semelhante quando colocou que “os operários se unem para se colocarem em igualdade de condições com o capitalista para o contrato de venda de seu trabalho. Esta é a razão (a base lógica) dos sindicatos”. Como colocamos anteriormente, Pannekoek percebe que os sindicatos surgem como instrumentos de luta da classe operária contra os seus exploradores. Nesse sentido, “os sindicatos revolucionários são o produto do período histórico do pequeno capital, onde os oligopólios ainda não haviam se formado, onde o estado ainda não regularizava a organização sindical etc.” (PANNEKOEK, apud, MAIA, 2010, p. 31).

O século 19, marca a sua investida sobre o capital e o sindicalismo emerge como resposta à exploração. Segundo Pannekoek,

Os trabalhadores tiveram de lutar a maior parte do tempo por si mesmos, para que as condições de desenvolvimento do sindicalismo fossem garantidas. Na Inglaterra, foi a campanha revolucionária do cartismo; na Alemanha, meio século mais tarde, a luta da social-democracia, que, impondo o reconhecimento dos direitos sociais dos trabalhadores, lançaram as bases do desenvolvimento dos sindicatos. [...] os trabalhadores já não são mais indivíduos impotentes, obrigados pela fome a vender a sua força de trabalho não importa por que preço. Estão agora protegidos pela força da sua própria solidariedade e cooperação, porque cada sindicalizado não só dá uma parte do seu salário para os seus camaradas, como está pronto a arriscar o seu próprio emprego, na defesa da organização e da comunidade sindical (PANNEKOEK, 2007, p. 115).

Mas Pannekoek percebe que o sindicalismo não consegue por fim à exploração capitalista, à sociedade capitalista. Abolem os piores abusos de exploração e estabelece uma normalização do capitalismo, ou seja, cria normas para a exploração a qual constrange a classe trabalhadora a aceitar o seu estado de explorado e a manutenção e reprodução do capitalismo. Assim, estabelece uma norma para os salários, exigindo que os capitalistas paguem o mínimo necessário para manter as necessidades vitais dos trabalhadores para evitar que sejam empurrados para a fome, para o desespero de procurar por eles próprios e com suas próprias mãos, resolver os problemas que lhes afligem. Estabelece uma norma para a jornada de trabalho, evitando que os trabalhadores sejam explorados a tal ponto que esgotem suas forças e ainda reservem energia para continuar disposto ao trabalho. Pannekoek observa ainda que a burocracia estatal, com sua esperteza em criar estratégias para a reprodução do capital, cria uma regulamentação (leis trabalhistas, legislação sindical etc.) que domesticam a organização sindical, transformando-os em mais um órgão para o controle da classe operária.

Nesse sentido, ele expressa que

Alguns patrões menos espertos não compreendem isto, mas os seus chefes políticos, mais avisados, sabem muito bem que os sindicatos são um elemento essencial ao capitalismo, e que, sem esta força reguladora que são os sindicatos operários, o poder capitalista não seria completo (PANNEKOEK, 2007, p. 117).

Assim, de instrumento de luta do proletariado contra o capitalismo, os sindicatos são transformados em órgãos do capitalismo para a exploração e controle dos trabalhadores. A partir daí, os próprios capitalistas começam a se organizar em sindicatos patronais. Pannekoek ressalta que o dinheiro que os sindicatos operários gastam nas greves não se torna páreo contra o poder gigantesco dos sindicatos patronais. Os sindicatos operários começam

a temer a luta contra os capitalistas, e para evitar que estes cessem de lhes repassar o dinheiro que os mantém, fazem concessão e sucumbem ao seu poder. Pannekoek (2007) ressalta que “nas negociações, os delegados têm muitas vezes que aceitar uma degradação das condições de vida para evitar a luta”.

O proletariado, por sua vez, insiste na luta, sabe que só através dela poderá atingir a liberdade, a utopia concreta, o seu projeto de sociedade que só pode ser efetivado com o fim da exploração sofrida no capitalismo onde é arrancada a sua força de trabalho da qual emerge todo o poder do capital. Inicia então, um desentendimento e conflito entre a classe explorada e os dirigentes sindicais. Estes últimos passam a frear aqueles temendo a reação capitalista, com o objetivo de manter seus privilégios. Aqueles primeiros percebem a direção sindical não mais como órgão de expressão de sua luta, mas sim, um órgão capitalista, a burocracia sindical, um inimigo que desde então, deve ser destruído para alcançar a sua libertação.

Pannekoek coloca que

Estes burocratas sindicais, especialistas, preparam e organizam todas as atividades; ocupam-se das finanças e dispõem do dinheiro em todas as ocasiões; publicam a imprensa sindical, graças a qual podem difundir e impor as suas próprias ideias e pontos de vista pessoais aos restantes filiados (PANNEKOEK, 2007, p. 118).

O autor ainda observa que os sindicatos se transformam cada vez mais em gigantescas organizações, cuja estrutura interna expressa a mesma organização interna do Estado, com um corpo burocrático estabelecido em divisões hierárquicas tendo à frente aqueles que decidem e falam por seus subordinados. Não mais tomam decisões levando em consideração as preocupações e problemas inerentes às classes exploradas, mas decidem por eles tendo como referências seus interesses pessoais respeitando a lógica capitalista com a preocupação de não contrariar o patrão nem mesmo o Estado, pois, se assim o fizer, corre-se o risco de perder seus privilégios e ser encarado como inimigo. Nesse sentido, prefere a amizade com o capitalista, com o estado, e a inimizade com as classes exploradas.

O sindicalismo, portanto,

Não é uma força proletária e os sindicatos não são organizações operárias e sim burocráticas, neste sentido não é meio nem apoio para a transformação social e muito menos são as instituições da futura sociedade comunista, como pregam anarco-sindicalistas e sindicalistas

revolucionários. São instituições burguesas que agrupam mais uma fração da classe social burocrática, a burocracia sindical (VIANA, 2008, p. 64).

Essa transformação essencial que ocorre com a organização sindical tornou-se clara em períodos que a classe trabalhadora avançou sobre o capital, nos momentos de luta acirrada e aberta; períodos que o proletariado coloca em uso seus instrumentos de luta, suas armas; momento também que descobre novas formas e meios de luta e ao mesmo tempo, percebe quais instrumentos já criados ainda serviam para serem utilizados e quais deveriam ser inutilizados. É neste momento que percebe que os sindicatos não mais faziam parte de sua luta e que deveriam ser desprezados como arma da classe trabalhadora, já que se tornou arma da burguesia. Para Pannekoek:

Com o aparecimento da revolução, assim que o proletariado, de membro da sociedade capitalista passa a seu destruidor, o sindicato entra em conflito com o proletariado. O sindicato torna-se legalista, sustentáculo declarado do estado e por ele reconhecido, ou então avança com a palavra de ordem a "reconstrução da economia antes da revolução" quer dizer manutenção do capitalismo (PANNEKOEK, 2010a, p. 01).

A utopia abstrata apregoada pela burocracia de que os sindicatos manifestam os interesses da classe trabalhadora insiste em continuar dominando o campo da luta de classe, porém, na luta prática e cotidiana vai dando lugar à utopia concreta. A aproximação entre sindicato e estado vai se estreitando de tal forma que a partir de determinado período da sua história não mais é possível perceber diferenças entre organizações sindicais e Estado. A sua forma interna se apresenta como equivalente. Ambos se unem na busca pela manutenção da luta de classes e reprodução do capital. A burocracia partidária se torna presente nas organizações sindicais e estas em determinados momentos se confundem com o próprio partido. Muitos dirigentes sindicais passam a integrar partidos políticos, e seus objetivos passam a ser a luta pelo poder do Estado. Isso fica claro quando em momentos de greve, os dirigentes sindicais se aliam à burocracia partidária e em muitos casos aparecem de mãos dadas publicamente em palanques e mesmo nos bastidores das negociações entre grevistas e seus patrões ou entre grevistas e burocracia.

Com isso, todas aquelas reivindicações realizadas pelo sindicato na sua origem – aumento de salário, diminuição da jornada de trabalho e melhorias no trabalho – é revertida no seu contrário; a posição do sindicato na sociedade mudou de lado e suas reivindicações

são realizadas tendo em vista os interesses do lado que agora representa, o lado da burguesia.

Segundo Pannekoek:

Os chefes das organizações [sindicais], pela força e pela mentira impõem aos trabalhadores o trabalho à peça e o aumento do horário de trabalho: astuciosamente refinado na Inglaterra, onde esta burocracia sindical - da mesma maneira que o governo - dá a impressão de deixar levar contra a sua vontade pelos trabalhadores, enquanto na realidade sabota as suas reivindicações (PANNEKOEK, 2010a, p. 02).

Pannekoek ainda observa que não é alterando o quadro de funcionários e dirigentes dos sindicatos que a sua força contra-revolucionária pode ser enfraquecida e destruída. Isso quer dizer que a sua essência burocrática, a de representante do capital, não cessará de existir. A falsa proximidade dos dirigentes sindicais com movimentos grevistas se dá por uma questão simples: é preciso garantir o apoio de determinadas frações da classe trabalhadora para continuar sendo o intermediador da sua luta, conseqüentemente, para continuar tendo a primazia de frear o avanço dos trabalhadores e impedi-los de desencadear uma luta aberta e direta com os patrões e o Estado.

Os sindicatos se convertem em instrumentos de mediação entre capitalistas e trabalhadores; fazem acordos com os patrões que intencionam os impor aos trabalhadores que resistem. Os chefes aspiram a converte-se em uma parte reconhecida do aparato de poder do capital e o estado que dominam a classe trabalhadora; os sindicatos se convertem em instrumentos do capital monopolista, por intermédio dos quais ditam suas condições aos trabalhadores (PANNEKOEK, 2010b, p. 4).

Nesse sentido, portanto, sem o apoio de uma fração da classe trabalhadora (as mais conservadoras e limitadas em termos de percepção da posição do sindicato), as assembleias e negociações realizadas pelo sindicato em momentos de acirramento da luta são desacreditadas e perdem sua eficácia; sua posição se torna clara diante dos olhos dos trabalhadores, que são constrangidos à cegueira pelos ideólogos da burguesia. Enquanto recebe este apoio consegue uma certa garantia na continuação de sua atividade de intermediar a relação entre capitalistas e a classe trabalhadora, já que, se não o tivesse, seria facilmente deixado de lado numa greve.

Acontece que o proletariado revolucionário foi percebendo no processo de luta esta faceta conservadora dos sindicatos e está claro que num momento de luta aberta, num

período revolucionário, terão que lutar e vencer o próprio sindicato. Pannekoek esclarece esta questão quando afirma que:

A revolução só pode vencer destruindo tal organização, transformando por assim dizer radicalmente a forma da organização, para construir qualquer coisa radicalmente nova: o sistema dos Conselhos. A sua instauração é capaz de extirpar e de eliminar não somente a burocracia estatal, mas também a dos sindicatos. [...] portanto, deve ser substituída por uma outra forma que é revolucionária na medida em que permite aos trabalhadores decidir activamente por si mesmo sobre tudo (PANNEKOEK, 2010a, p. 02).

É neste momento que há a possibilidade definitiva de superação da utopia abstrata. O proletariado foi tomando consciência, portanto, que a libertação dos grilhões capitalistas só pode ser fruto de sua própria luta, tomando em suas mãos as decisões e o caminho a seguir, mantendo em suas mãos a direção da sua própria luta.

Que pretende dizer com: “manter inteiramente nas suas mãos a direção da sua própria luta” (ou, se preferirmos, dirigir eles próprios os seus assuntos)? Deve entender-se que toda a iniciativa e decisão emanam dos próprios trabalhadores (PANNEKOEK, 2007, p. 122).

Para Pannekoek, o proletariado descobriu através de suas lutas outras organizações que superaram e expressam de fato os seus interesses, e estas só foram descobertas pela necessidade de um instrumento de luta eficaz num momento em que o inimigo se colocava em sua frente impedindo-o de avançar; momento em que não poderia retroceder na luta e seguir lutando e avançando com o objetivo de superação da exploração e controle que é submetido pelos capitalistas.

Portanto, toda forma de organização que não permita aos trabalhadores:

Dominar e dirigir o seu próprio rumo é nociva e contra-revolucionária; por esta razão ela deve ser substituída por uma outra forma de organização que seja revolucionária, por permitir aos próprios operários decidir ativamente sobre todos os problemas (PANNEKOEK, *apud* Gorter, 1981, p. 31).

Surgem, portanto, os comitês de greve, conselhos de fábrica, de bairro etc., milícias e outras formas de organizações, através das quais emergem os conselhos operários, órgão desenvolvido pelo proletariado que expressa, além de sua capacidade organizacional e



criativa, que os sindicatos foram superados e não mais são os instrumentos que lhe possibilite lutar contra o capitalismo.

Enfim, Pannekoek oferece uma ampla, profunda e clara reflexão que nos possibilita perceber o modo como o marxismo manifesta e antecipa o processo de superação da utopia abstrata e efetiva da utopia concreta. No tema que aqui propomos discutir, faz isso revelando a face oculta existente em torno dos sindicatos na atualidade. A partir da sua concepção, observa-se a existência de uma ideologia sindical, através da qual reproduz a ideia de que os sindicatos continuam sendo a expressão mais eficaz da luta dos trabalhadores e estes devem respeitar e agir conforme suas propostas e determinações. Pannekoek ainda oferece elementos que possibilitam o avanço do movimento operário e efetivação de seu projeto de sociedade, da utopia concreta, quando deixa claro que num momento de radicalização da luta, os trabalhadores deverão avançar e romper com as organizações sindicais, caso queiram de fato atingir seus objetivos, e não deixar que a sua luta seja controlada e dirigida pelos dirigentes sindicais, já que estes representam o interesse do capital.

Pannekoek é, portanto, um importante pensador representante de uma concepção que integrando a história da luta do proletariado demonstrou de fato estar teoricamente expressando os interesses das classes exploradas; desenvolveu a teoria dos conselhos operários e possibilitou o avanço teórico esclarecendo a face conservadora e contra-revolucionária dos sindicatos. Com Pannekoek o marxismo aprofunda em sua expressão real, oferecendo à humanidade um importante trabalho que possibilita observar na realidade os pressupostos de realização da efetiva liberdade. Seu pensamento expressa a utopia concreta por antecipar o vislumbre de uma sociedade ainda não existente, mas que já existe enquanto projeto e está prestes a ser realizada.

### **Referências Bibliográficas**

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GORTER, Herman. Carta Aberta ao Companheiro Lênin, In: TRAGTENBERG, Maurício. *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAIA, Lucas. *Comunismo de Conselhos e Autogestão Social*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Sindicalismo*. São Paulo: Ched, 1980.

MATTICK, Paul e PANNEKOEK, Anton. Disponível em <http://guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/paul-mattick-pannekoek-biografia.html>, [consultado em 08-10-2015], 2015.

PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Santa Catarina: Barba Ruiva, 2007.

PANNEKOEK, Anton. *A Força Contra-Revolucionária dos Sindicatos!*. Disponível em <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/667/a-forca-contrarevolucionaria-dos-sindicatos.html>, [consultado em 21-12-2010], 2010<sup>a</sup>.

PANNEKOEK, Anton. *Tesis Sobre La Lucha de La Clase Obrera Contra el Capitalismo*. Disponível em <http://www.left-dis.nl/e/tesis.htm>, [consultado em 21-12-2010], 2010b.

VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.